



O PÚBLICO FEMININO E A PERSPECTIVA DO AVANÇO DA ESCOLARIZAÇÃO POR MEIO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Aline Debossan Velozo (PPGE/UFMT) – alinevelozo.mt@gmail.com

Ana Lara Casagrande (PPGE/UFMT) – analaracg@gmail.com

Eixo 3 – Práticas Pedagógicas e Formação na EaD: superação do Instrumental e Tecnocêntrico

Resumo: O presente texto foi desenvolvido a partir de reflexões suscitadas no desenvolvimento de pesquisa de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE/UFMT) e objetiva analisar a democratização do acesso à Educação Superior na perspectiva do seu papel e público (majoritariamente feminino em todas as regiões brasileiras, quantidade que diminui sutilmente quando os cursos são presenciais). Espera-se que ele contribua para o avanço no debate acerca da EaD no Brasil, posto que a modalidade, bem como as tecnologias digitais entraram em foco contemporaneamente. As ambiências virtuais levaram à educação a possibilidade de ruptura com as tradicionais práticas de transmissão de conteúdos, centralidade no docente e avanço para pensar práticas pedagógicas engajadas com o século XXI. Não se trata de um passe de mágica, mas se defende o atual momento como oportuno para repensar o fazer pedagógico nas Instituições de Educação Superior (IES). Por meio do aporte teórico proporcionado pela pesquisa bibliográfica, foi realizada contextualização da continuidade dos estudos, do ponto de vista social e pedagógico, bem como do perfil do alunado da EaD quanto ao gênero binário. Por fim, são indicadas as potencialidades e desafios dessa modalidade de ensino frente à demanda.

Palavras-chave: EaD. Público feminino. Cultura digital.

1 Introdução

A tecnologia sempre esteve presente no cotidiano educacional de algum modo, ora sendo o centro do processo, ora como suporte ao trabalho pedagógico. A depender da época em que esteve na educação básica, é possível que a pessoa tenha na memória o mimeógrafo (máquina copidora de baixo custo, operada a partir do estêncil, no qual havia um feltro umedecido em álcool), por exemplo. Contudo, as novas tecnologias digitais redimensionam a forma de comunicação, tornando possíveis “novos modelos de ensino/aprendizagem” (RIBEIRO, 2016, p.142). Ao olharmos para as novas demandas sociais, e educacionais, efetivamente encontramos perfis estudantis que requerem novas formas de interação.

Ao analisar esse complexo cenário em que a educação contemporânea se encontra, indicaremos os desafios e as potencialidades da EaD, com enfoque para o público feminino, uma vez que as mulheres encontraram nessa modalidade uma forma de continuarem os estudos e alcançarem melhores condições de vida, dado que a mesma possibilita aos estudantes aprenderem “a partir de suas casas, após o trabalho, no tempo em que está disponível para eles” (RIBEIRO, 2016, p.154).

O foco no público feminino advém do fato do *Relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil*, realizado pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED)

indicar que “as mulheres compõem a maioria dos estudantes, em todas as regiões”, com destaque para o fato de que o levantamento foi feito por meio de autodeclaração (GOI; DIAS, 2021, p.26).

Com reflexões oriundas de investigação científica desenvolvida no âmbito do mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE/UFMT), cujo objeto de estudo são as práticas pedagógicas de docentes do Ensino Médio, não se pretende esgotar a temática da presença feminina na EaD ou traçar visões absolutas acerca do seu papel na democratização do acesso à Educação Superior com a inclusão de populações geograficamente dispersas e afastadas dessas instituições. O texto discorrerá sobre a mesma com escopo de levantar questões pertinentes à área da educação, contribuindo para que pesquisadores, estudantes e demais leitores construam um entendimento crítico acerca da EaD, seu papel e seu público majoritário.

2 A escola do século XIX para os estudantes do século XXI

Para se abordar os processos de educação mediados pelas tecnologias digitais, especificamente na modalidade EaD, é fundamental compreendermos as características próprias da nova conjuntura cultural. Segundo Petry e Casagrande (2019), é necessária uma investigação no sentido de buscar novos conceitos tanto acerca do entendimento de educação, quanto de escola, uma vez que as abordagens tradicionais não contemplam a nova realidade de ambiências virtuais.

Para Sacristán (1999), a gênese da prática educativa está relacionada a outras práticas que interagem com o sistema escolar, dessa forma, é possível lastrear algumas características que serão úteis para entender as razões das transformações produzidas. Atualmente, ainda é possível notar a predominância de métodos tradicionais de ensino, que persistem na organização educacional e curricular, nas práticas avaliativas, assim os desafios para uma educação alinhada com o século XXI podem estar relacionados a múltiplos fatores.

Conforme Kuenzer e Caldas (2009) indicam, entre esses fatores, destacam-se desde a intensificação e diversificação do trabalho até a desvalorização social e salarial do professor, além dos contextos de infraestrutura escolar, formação, acesso às tecnologias digitais, prática das metodologias tradicionais, entre outros.

Posto isso, ressalta-se que as tecnologias digitais elucidam possibilidades de práticas pedagógicas diferenciadas para o fazer educativo contemporâneo, como interação em ambiente on-line suportado por softwares desenhados para fins educativos ou atividades desenvolvidas

com wikis etc., imerso nas inúmeras transformações do século XXI. É preciso fugir de qualquer simplificação, visando compreender essa apropriação no escopo da compreensão da realidade educacional, que envolve, segundo Nóvoa (1992), um processo de contextualização das práticas, dos currículos, do perfil dos docentes e dos estudantes, lastreado nos aspectos estrutural, funcional e vivencial.

Casagrande e Alonso (2022) destacaram o contexto do distanciamento social (*lockdown*) na pandemia da COVID-19, a partir de 2020, para chamar atenção sobre como uma mudança na “normalidade” das rotinas evocaram rapidamente discussões acerca do anacronismo da escola tradicional, bem como das potencialidades da modalidade EaD.

Sobre o distanciamento entre a educação e as demandas contemporâneas, Barbosa e Moura (2013) apontam que, no Brasil, ainda há escolas em que os estudantes ocupam grande parte de seu tempo copiando textos passados no quadro, com isso, nota-se uma escola agarrada ao século XIX, com professores do século XX, formando estudantes para o mundo do século XXI.

Pensando também uma ressignificação da educação, Nóvoa (2019) considera que sua metamorfose implica a criação de um novo ambiente educativo, nesse ponto as ambiências virtuais figurarão como alternativas à quebra da rígida organização espaço/tempo presentes em muitas práticas educacionais institucionalizadas.

É notório que a sociedade está cada vez mais imersa na cultura digital, as próprias demandas dos tempos atuais concorrem para que os indivíduos estejam sempre conectados em rede, por meio das tecnologias digitais. Contudo, é importante nos afastarmos de inferências extremas e absolutas, conforme alertam Petry e Casagrande (2019), ao se considerar que apenas um maior contato ou uso das ambiências virtuais significa que as pessoas estão com acesso a informações de qualidade. De maneira que é importante ter cautela ao utilizar os conceitos “informação” e “conhecimento” como sinônimos, pois isso representa uma visão pouco crítica da realidade. Mais do que abordar as tecnologias digitais por si mesmas, é fundamental:

[...] pensarmos nos processos que têm gerado a necessidade de desenvolvê-las e utilizá-las em nossas atividades individuais e coletivas, em especial no que tange aos processos educacionais. Se esse fluxo migratório – em que cada vez mais as pessoas se encontram nos espaços digitais – passa por uma mudança comportamental, que se desenvolveu ao longo dos últimos anos (principalmente a partir da popularização da internet no final do século passado, ele se expande exponencialmente ao explorar as características da mobilidade e de um novo formato de nomadismo, transgredindo a forma como definimos a presencialidade para além da localização física e temporal (MONTANARO, 2016, p.21).

Realização



Apoio



Refundar a presencialidade, incorporar diferentes linguagens e letramentos, rever práticas fundamentadas na transmissão de informação na educação estão na ordem do dia, por isso, são interessantes “estratégias de articulação entre todos esses elementos para se atingir objetivos de aprendizagem coerentes com o atual contexto, que explorem suas características e que favoreçam a aprendizagem, a imersão e a participação” (MONTANARO, 2016, p.22).

O foco da relação pedagógica ser o docente é um equívoco, porque ele não é a única fonte de conhecimento/informação disponível (PETRY; CASAGRANDE, 2019). Os tempos atuais deixam isso bastante evidente.

3 EaD: papel e público

Conforme frisado, a entrada das tecnologias digitais na educação, especialmente das conectadas em rede está cercada de desafios e possibilidades. Entre os desafios podemos citar toda a estrutura da educação, acesso a materiais, disposição física e contexto de exclusão digital, até os paradigmas tradicionais arraigados que sustentam os discursos das teorias educacionais. Acerca das potencialidades se pode destacar práticas pedagógicas envolventes, expansão da democratização da Educação Superior, uma vez que não precisam estar todos os atores do processo educativo no mesmo ambiente e nos mesmos horários, há possibilidades de coparticipação, de cocriação, entre outras (CARR, 2011; KENSKI, 2008; CASAGRANDE; ALONSO, 2022; MEYERS; JONES, 1993; MORÁN, 2015).

A EaD congrega as tecnologias digitais como “elementos inerentes e praticamente indissociáveis da modalidade” (MONTANARO, 2016, p.19). O seu papel está associado à flexibilidade, porque não requer o deslocamento aos locais das IES, que não alcançam variados municípios brasileiros, sendo assim, os polos de apoio presencial – boa parte localizado em cidades em que as IES ainda não atuavam – se constituem em importantes suportes para a modalidade, que passa a chegar aos rincões do Brasil. Há forte participação da iniciativa privada, não na mesma proporção, mas instituições federais também expandiram cursos EaD.

Há, então, consenso entre pesquisadores da EaD que essa modalidade tem o potencial de democratizar o acesso à Educação Superior, devido, sobretudo, à flexibilidade espaço-tempo, em oposição à rigidez do ensino presencial que historicamente exclui do processo educacional pessoas de baixa renda, grupos que vivem em locais isolados, pessoas idosas, mulheres entre outras categorias. O que requer também maior autonomia do público da modalidade no seu processo formativo (MARTINS, 1991).

Realização



Apoio



desigualmente) remunerado fora do âmbito do lar (GONZALEZ, 2020; FRACCARO, 2018; LARANJEIRA; TEIXEIRA, 2008), faz com que dar continuidade aos estudos em nível superior seja uma barreira mais a ser transposta.

A EaD tem papel no provimento de oportunidade para acesso à Educação Superior, sobretudo para driblar o que se pode caracterizar como desvantagem de gênero, de maneira que mais mulheres, por meio do aumento da sua escolaridade, busquem também melhores condições de vida e participação mais expressiva em postos de comando no mercado de trabalho. No entanto, é preciso lembrar que tanto mais a EaD poderá cumprir seu papel de democratização da educação quanto a sociedade avançar contra as ideias patriarcais que subjagam as mulheres não apenas do acesso, mas da permanência na Educação Superior. Souza (2019, p.65) entende que a urbanização permitiu um avanço no trato dessa questão ao mitigar o excesso de arbítrio do patriarca e seu poder ilimitado, afirmando que é um marco: “Um novo mundo se abre para as mulheres, apesar de o sexismo ter sido, para Freyre, o nosso preconceito mais persistente”. Fazemos uma correção diante dos dados atuais de diferenças salariais entre mulheres e homens exercendo as mesmas funções laborais ainda hoje, afirmando que o preconceito contra as mulheres é o mais (ou um dos mais) persistente(s).

3 Considerações finais

Os anseios por uma nova educação acompanham os pesquisadores e estudantes de diferentes épocas, com as tecnologias digitais e popularização dos dispositivos de acesso às ambiências em rede, esperou-se uma transformação profunda na educação, contudo, a mesma ainda não ocorreu, se se pensar no fomento ao questionamento/problematização das práticas pedagógicas tradicionais observadas contemporaneamente.

Nota-se uma subutilização do potencial dessas tecnologias e uma incompreensão do que seria o seu fundamento na prática pedagógica, evidenciado pela mera transferência das tradicionais aulas e atividades para uma plataforma digital, no entanto, não é apenas o formato que importa tão relevante quanto o meio é a concepção que subjaz à prática.

A possibilidade de ampliar os conceitos de tempo e espaço oferecido pela EaD abre um leque de opções, principalmente para as mulheres, de modo que podem desenvolver as atividades acadêmicas com autonomia e respeitando os ritmos próprios de cada um e articulados às tarefas cotidianas, como as laborais no âmbito doméstico e fora dele.

Realização



Apoio



Nesse viés, foi constatado que o público feminino, historicamente marginalizado na sociedade e do processo de escolarização formal por muito tempo, encontrou na EaD a possibilidade de avançar nos estudos, chegando à Educação Superior. Ainda que haja uma questão de permanência ainda a ser melhor debatida, a EaD pode ser considerada uma forma de emancipação ou de conquista de independência do domínio machista presente até os dias de hoje em meio à reprodução das desigualdades entre gêneros como construção social naturalizada. Sentido no qual a modalidade cumpre um papel de democratização do acesso à Educação Superior.

Afastando visões simplistas, puramente pessimistas ou otimistas, acerca da EaD e suas possibilidades, vale ponderar que há os desafios e as potencialidades da modalidade no escopo das IES brasileiras. O que a modalidade não poderá fazer sozinha, isto é certo, será superar o padrão de desvalorização e sobrecarga do trabalho feminino. O possível corresponde a fomentar práticas pedagógicas que levem em consideração o seu público majoritário e que as ações desenvolvidas no seu interior estejam comprometidas com a equidade de gênero.

Referências

ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância. **Censo EAD.BR**: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2010. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

CARR, N. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CASAGRANDE, A. L.; ALONSO, K. M. **Ensino remoto, juventude e BNCC**: processo de ensino-aprendizagem no Ensino Médio. Rev. FAEEBA – Ed. E contemp., Salvador, v. 31, n. 65, p. 188-200, jan./mar. 2022.

FRACARRO, G. **Os Direitos das Mulheres: Feminismo e Trabalho no Brasil (1917-1937)**. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

GOI, V. M.; DIAS, D. Perfil dos alunos: gênero, raça/cor, classe social, necessidades especiais. In: **Censo EAD.BR**: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2019/2020. ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância (Org.). Curitiba: InterSaber, 2021. p.26-30.

GONZALEZ, L. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2008.

Realização



Apoio



KUENZER, A.; CALDAS, A. Trabalho docente: comprometimento e desistência. In: FIDALGO, Fernando; OLIVEIRA, M. A.; FIDALGO, N. (Orgs.) **A intensificação do trabalho docente: tecnologias e produtividade**. Campinas: Papirus, 2009.

LARANJEIRA, D. H. P.; TEIXEIRA, A. M. F. Vida de jovens: educação não-formal e inserção socioprofissional no subúrbio. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, p. 22-34, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782008000100003>>. Acesso em: 28 mar. 2022.

LIMA, E. T.; LACERDA JUNIOR, J. C. A Educação a Distância na Percepção dos acadêmicos de Pedagogia na Cidade de Lábrea/AM. **EaD em Foco**, v. 11, n. 2, 2021.

MARTINS, O. B. **A educação superior à distância e a democratização do saber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

MEYERS, C.; JONES, T. **Promoting active learning**. San Francisco: Jossey Bass, 1993.

MONTONARO, P. R. A cultura da convergência e a narrativa transmídia na Educação a Distância. In: MILL, D.; REALI, A. M. M. R. (Orgs.). **Educação a Distância, qualidade e convergências: sujeitos, conhecimentos, práticas e tecnologias**. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p.19-36.

MORÁN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, C. A. de; MORALES, O. E. T (Orgs.). **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Coleção Mídias Contemporâneas. UEPG, 2015.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, A. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educação & Realidade**, v. 44, n. 3, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-623684910>>. Epub 12 Set 2019. ISSN 2175-6236. <https://doi.org/10.1590/2175-623684910>. Acesso em: 02 dez. 2021.

PETRY, C.; CASAGRANDE, A. L. **A educação e o “fenômeno digital” na sociedade contemporânea**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 14, n. 2, p. 622-637, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/13132/209209210866>. Acesso em: 11/03/2022.

RIBEIRO, J. da S. O estudante da EaD em contextos de mudança. In: MILL, D.; REALI, A. M. M. R. (Orgs.). **Educação a Distância, qualidade e convergências: sujeitos, conhecimentos, práticas e tecnologias**. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p.139-160.

SACRISTÁN, G. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SOUZA, J. **A elite do atraso**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.